

O contra-ataque do presidente

FH anuncia empregos para 1 milhão de flagelados, admite erros mas diz que não está parado

Ana Paula Macedo e Adriana Vasconcelos

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou ontem novas medidas para o atendimento às vítimas da seca. A partir do dia 1º o Governo estará liberando recursos para a abertura de frentes produtivas no Nordeste, cujo objetivo principal será empregar, alfabetizar e treinar um milhão de flagelados. Em entrevista coletiva, que durou uma hora e meia, nos jardins do Palácio da Alvorada, Fernando Henrique respondeu perguntas sobre as críticas ao Governo nas últimas semanas. Comentou as recentes pesquisas de opinião, que registraram a queda de sua popularidade junto ao eleitorado, e disse que o Governo não está parado. Mas acabou admitindo que errou algumas vezes e que o Governo terá de agir mais depressa em certas situações.

Fernando Henrique garantiu que está fora de cogitação a edição de um novo pacote econômico e pediu aos brasileiros que parem de dizer que o Brasil será "a bola da vez" na crise financeira internacional. Ainda resistindo a assumir a condição de candidato à reeleição, o presidente fez questão de ressaltar que nem o ano eleitoral nem os marqueteiros de plantão o impedirão de tomar medidas, ainda que impopulares, para garantir a estabilidade da economia.

— Eu não estou aqui para ser popular, estou aqui para fazer o que o Brasil precisa. E faço.

Foi aparentando indiferença que o presidente comentou as pesquisas que apontam a realização de segundo turno na eleição presidencial. Fernando Henrique frisou que o resultado reflete apenas um momento e acrescentou que não pretende entrar em guerra psicológica. Ele lembrou ainda que essas oscilações têm sido freqüentes este mês e destacou que difícil seria se a opinião pública não manifestasse certa oscilação diante das dificuldades enfrentadas pelo país desde outubro, quando o Governo foi obrigado a baixar um pacote de medidas econômicas.

Fernando Henrique evitou também polemizar com o ex-prefeito do Rio César Maia, que disputará o Governo do estado pelo PFL e responsabilizou o presidente por sua queda de popularidade. Mas avisou que sua participação nas eleições estaduais será reduzida.

Ao detalhar os investimentos e as 52 obras hídras que o Executivo vem realizando no Nordeste, Fernando Henrique quis mostrar que o Governo fez a sua parte e não tratou a seca com descaso. Mais uma vez condenou a utilização política dos saques e cobrou uma ação mais incisiva dos governadores nordestinos no combate ao que classificou de baderna, desordem e assaltos.

O presidente denunciou a criação de uma nova indústria da seca, através da qual os flagelados estão sendo usados como massa de manobra para que se crie um clima negativo nesse período pré-eleitoral. Por isso mesmo, ele admitiu que teme colocar soldados nas ruas para combater as ações organizadas de saques.

Fernando Henrique condenou a ação política do Movimento dos Sem-Terra (MST). Lembrando recente conversa com o governador do Paraná, Jaime Lerner, que lhe contou sobre a ocupação de seis bancos por integrantes do MST, Fernando Henrique comparou os invasores a assaltantes.

Entrevista no estilo Bill Clinton

Protegido sob a sombra de um pé de sibipiruna, o presidente deu sua primeira entrevista coletiva do ano. Vestindo terno claro, deu o primeiro passo para mudar sua imagem, arranhada nas últimas semanas por seu destemper verbal ao chamar de vagabundos os que se aposentam com menos de 50 anos de idade e também pelas críticas à lentidão do Governo para enfrentar problemas sociais. Ele acabou atendendo as pressões de seus aliados para deixe mais evidente a sua condição de candidato à reeleição e que assuma um estilo mais suave, mas advertiu que não pretende se transformar num produto mercadológico.

O novo cenário — o mesmo escolhido para a entrevista conjunta concedida ao lado de Bill Clinton, durante a visita do presidente dos Estados Unidos ao Brasil, em outubro, trouxe um novo Fernando Henrique. Mais humilde, o presidente fugiu do habitual estilo intelectualizado e fez um mea culpa sobre várias ações do Governo, tentando mostrar uma aproximação maior com os problemas que afligem a população.

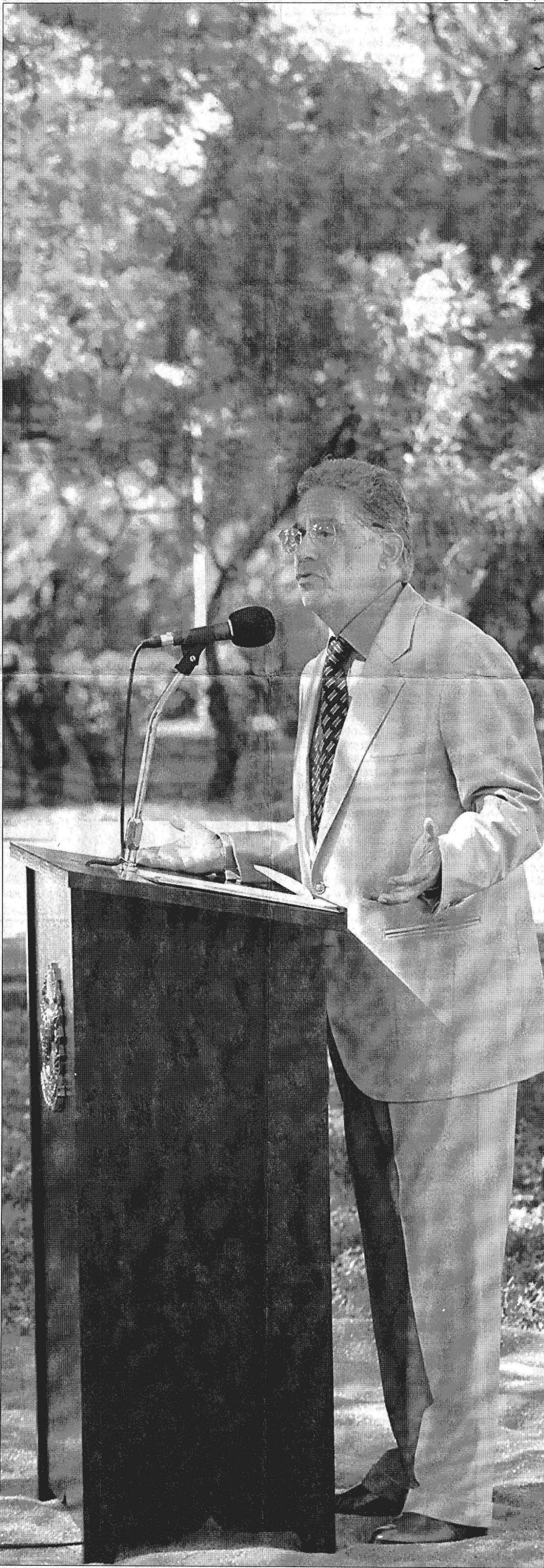
O presidente dedicou a maior parte da entrevista aos temas sociais, em especial à seca no Nordeste. Fernando Henrique, que permaneceu durante todo o tempo de pé, chegou a reclamar da insistência dos jornalistas em abordar as eleições.

— Pobre seca — reclamou.

Apesar de ter começado a entrevista afirmando que não gostaria de comentar assuntos eleitorais, sobretudo as pesquisas de opinião, Fernando Henrique não deixou de explorar todos os problemas de seus adversários políticos. E minimizou as suas próprias dificuldades. Ele considerou que o aumento da rejeição de seu nome junto ao eleitorado, de 10% para 17%, conforme apurou o Instituto Vox Populi, está longe de ser uma preocupação.

— Está bom ainda — disse.

O presidente tentou mostrar que não é o único a enfrentar problemas junto ao eleitorado. De forma irônica, admitiu que está atento às dificuldades que seu principal adversário, o petista Luiz Inácio Lula da Silva, está encontrando para fechar a aliança que dará sustentação a sua candidatura. E evitou responder se aceitaria debater com Lula. ■



FERNANDO HENRIQUE fala num púlpito, de pé, ao ar livre, nos jardins do Alvorada, no estilo americano

Sérgio Marques

O QUE DISSE O PRESIDENTE

"Não vai haver novo pacote. Isso é desnecessário e está fora de cogitação"

"Não podemos transformar o déficit numa coisa fantasmagórica. Tem que explicar para não dar a impressão de que o Governo aumenta imposto e joga fora."

"A justiça vai ajudar, a oposição ajuda, mesmo quando destrambelha, mesmo quando fala coisas que não são verdadeiras a respeito do que o Governo fez"

"O Brasil não vai se conformar em crescer 3% ao ano. Nós temos que crescer 6%, 7%. Agora, não conseguiremos crescer assim, sem reformas"

"Eu não estou aqui para ser popular, estou aqui para fazer o que o Brasil precisa. E faço e não vou perguntar a um marqueteiro se eu devo isso ou aquilo"

"O Governo errou em uma porção de coisas e eu também errei. Ninguém é infalível"

"Eu não faço guerra de pesquisa. Isso é guerra psicológica"

"Qual é o presidente que vai querer que pegue fogo na mata? Só Nero, não é?"

"O Brasil tem de acabar com essa mania de ser a bola da vez. O próprio Brasil inventa isso (...) Nós gostamos tanto de futebol que de repente confundimos e pensamos que o país é bola"

"Eu nunca acreditei nessa coisa de transformar alguém em sabonete para vender. Comigo não vai ser assim"

"Raramente sou agressivo. É claro que, em certos momentos, você tem que, ao exercer a autoridade, ser duro. Mas eu nunca humilhei ninguém"

"Não houve descaso com a seca"

"Promover saque é fazer assalto ao interesse do povo"

"Exército não é polícia. Em circunstâncias especiais, a pedido dos governadores, pode ser utilizado. Se não é intervenção militar"

"É preciso que os governadores atuem"

"Talvez haja quem queira ter um cadáver. Queremos no Brasil bandeiras flutuando e não corpos sendo levados em triunfo"

"É óbvio que a frente de trabalho é necessária. Porque a seca vai se prolongar. Está apenas começando..."

"Não vai morrer ninguém de fome aqui. Não haverá brasileiro, no Nordeste, alcançado por esse flagelo que não vai ter a solidariedade do povo do Brasil e do Governo do Brasil"

"Pesquisa é um momento. Há dados de uma pesquisa que dizem uma coisa, há dados que dizem outra. Há oscilações. Tem de se olhar isso num conjunto"

"Não posso estar utilizando instrumentos de poder, de prestígio, para, como se diz aqui no Brasil, eleger um poste. Poste não se elege nunca"

"Peguem o que foi dito no programa Mãos à Obra. Foi feito praticamente tudo"

"O Governo não está pedindo nenhum imposto novo. A CPMF já existe"

"Quando o MST ocupa um banco, é igualzinho a alguém que entrou como assaltante. Pode usar o pretexto que quiser"

"Este Governo está fazendo o Brasil andar de novo. Mas o Brasil ainda está andando com o passo trôpego porque não tem os recursos para andar mais firme"

"A leitura mais malévola é a de que eu me empenhei pela reforma da reeleição. É malévola, porque se forem verificar nos meus discursos, nas minhas ações, nas minhas conversas, eu me empenhei a fundo por todas as reformas"

"Pode ser mais doído para um presidente, que é professor universitário, ter universidade em greve e dizer: não, tem que cortar o ponto (...) Acho até que devemos conversar mais com os professores"

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO